INTERSINDICAL DOS ELETRICITÁRIOS DE SC

LINHA VIVA

Nº 1373 - 17 de agosto de 2017

·IMPRESSO·

Tudo pronto para a DATA-BASE

INTERCEL ENTREGA PAUTA DE REINVINDICAÇÕES PARA INÍCIO DAS NEGOCIAÇÕES DO ACT DA CELESC

DATA-BASE ENGIE

Venda de ativos termoelétricos preocupa trabalhadores

PRIVATIZAÇÃO

CNE avança em ações contra privatizações no setor

PROJETO POPULAR

CUT lança projeto contra reforma trabalhista

CELESC

TUDO PRONTO PARA A DATA-BASE 2017/18

Intercel entrega pauta de reivindicações para inicio da negociação do Acordo Coletivo de Trabalho dos trabalhadores da Celesc

Está tudo pronto para o início das negociações do Acordo Coletivo de Trabalho 2017/18. A pauta de reivindicações foi entregue ao Presidente da empresa, Cleverson Siewert, e ao Diretor de Gestão Corporativa, Nelson Santiago, em reunião realizada nesta terça-feira, dia 15, na sede da Celesc, em Florianópolis.

Para a Intercel, é preciso aprender com a negociação coletiva do ano passado e buscar uma negociação justa. Os dirigentes sindicais reforçaram o sentimento da categoria que tem feito concessões para garantir o atingimento das metas impostas pela Aneel e que, por isso mesmo, espera da diretoria da empresa respeito aos direitos históricos dos trabalhadores.

O presidente da Celesc afirmou que será necessário um esforço conjunto para que, neste momento complicado, a negociação seja conduzida da melhor forma, resguardando as necessidades tanto da empresa quanto dos empregados.

A Intercel apresentou ainda a proposta para que a negociação inicie já na próxima semana, uma vez que a pauta de negociação não traz grandes novidades, sendo uma das mais enxutas dos últimos tempos. As reivindicações da categoria são justas e condizentes com a realidade da Celesc, o que evidencia o comprometimento da categoria com a manutenção da concessão e do caráter público da empresa.

Caso confirmada a data apresentada pela Intercel, a primeira rodada de negociação acontecerá no dia 24 de setembro, próxima quinta-feira. Seguindo a tradição de informar rápido e com precisão, o relato das rodadas será feito através do Boletim da Intercel, logo após o término da negociação.

Agora é momento de união. Com expectativa de respeito aos nossos direitos, vamos caminhar juntos em busca de um ACT justo!

ENGIE

DATA-BASE SE APROXIMA

Venda de ativos termoelétricos preocupa trabalhadores

O contexto em que se dará o processo de negociação do Acordo Coletivo de Trabalho dos empregados da Engie deste ano será diferenciado no âmbito das usinas termoelétricas. A venda dos ativos termoelétricos a carvão, remanescentes após o fechamento da UTCH (Charqueadas), tem tirado o sono e a tranquilidade dos empregados.

Se existem os que querem que as usinas continuem com a ENGIE, existem outros que acham melhor que a venda seja feita por temerem que aconteça o mesmo que aconteceu em Charqueadas, ou seja, o fechamento de unidades ao longo do tempo. Se existe divergência em relação a com quem ficará as térmicas, inversamente há unanimidade no entendimento de que deverão ser garantidos os benefícios e os direitos estabelecidos no Edital de privatização da Gerasul, bem como aqueles que foram posteriormente estabelecidos em acordos e normas. Neste contexto, os Conselheiros eleitos e a INTERSUL já se posicionaram formalmente à ENGIE. Independente do contexto, a negociação de data-base, a exemplo do que ocorreu no ano passado, deverá ser difícil e necessita da participação de todos.

"Independente do contexto, a negociação de data-base, a exemplo do que ocorreu no ano passado, deverá ser difícil e necessita da participação de todos.

A plenária dos trabalhadores será realizada em Piratuba-SC, no dia 02/09. O debate é um marco de resistência e posicionamento em relação a tudo que está acontecendo e de como será o futuro dos trabalhadores. Por isso, é fundamental a participação de todos!

PRIVATIZAÇÃO

LUTA CONTRA A PRIVATARIA

CNE avança em ações contra privatizações no setor

Após a realização de um grande seminário que debateu as intenções do Ministério de Minas e Energia de retomar a privatização no Setor Elétrico, o Coletivo Nacional dos Eletricitários (CNE) reforçou a luta em defesa das empresas públicas e dos direitos dos trabalhadores.

Na última quarta-feira, dia 16, foi realizada na Câmara dos Deputados, em Brasília, reunião com parlamentares da região norte e nordeste, buscando apoio para defender as distribuidoras de energia do Sistema Eletrobras, que estão na mira da privataria. Além de buscar apoio dos parlamentares contra o processo de privatização do (des)Governo Temer, o CNE está realizando seminários em diversas empresas do Setor Elétrico, mobilizando os trabalhadores e denunciando o projeto privatista de alienação do patrimônio público. Além disso, está previsto para este mês o lançamento de Frentes Parlamentares em defesa do Setor Elétrico Nacional e de uma campanha nacional contra as privatizações.

ATENÇÃO TRABALHADORES DA CEREJ

Nesta quinta e sexta feira o Sinergia fará assembleias para deliberar a proposta da empresa para fechamento de acordo coletivo de trabalho válido para 2017/2018.

17/08 - 8h - Sede - Biguaçu (para trabalhadores da sede e de Aguas Mornas)

17/08- 13h00min - Posto Atend. Pinheiral (trabalhadores de Major Gercino e de Nova Trento)

18/08/2017 - 13h00min - Posto Atend. Angelina (para trabalhadores de Angelina e Leoberto Leal)

GOLPE

PROJETO POPULAR

CUT lança projeto contra reforma trabalhista

Sem qualquer tipo de discussão com a sociedade, o Congresso Nacional aprovou a Reforma Trabalhista, um dos maiores ataques aos direitos da classe trabalhadora. No caminho da resistência, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) informou que lançará um Projeto de Lei de Iniciativa Popular para revogar a reforma e propor uma verdadeira modernização das relações de trabalho no Brasil, através de uma legislação que amplie a proteção aos trabalhadores. Para que um Projeto de Lei de iniciativa popular ingresse na Câmara, são necessárias, no mínimo, 1,5 milhão de assinaturas.

Para os sindicatos é preciso combater a reforma trabalhista que é um dos pilares de um projeto muito mais amplo, que prevê a entrega das riquezas naturais e do patrimônio das empresas estatais, a destruição da economia brasileira e a extinção dos direitos sociais e coletivos da classe trabalhadora.

TRIBUNA LIVRE

"Pé na porta" dos direitos sociais e da soberania nacional

POR JOSÉ ALVARO CARDOSO

Recentemente o ex-presidente do Banco Central (1999-2002), Armínio Fraga, um solícito porta voz dos banqueiros, declarou estar preocupado com as eleições de 2018. O economista, que trabalhou em empresas do megaespeculador George Soros, disse que seu grande temor é que as eleições do ano que vem possam provocar uma "tempestade". É essencial saber, segundo ele, o que vem pela frente para garantir a tranquilidade do mercado. Para Armínio, um entusiasmado apoiador do processo golpista no Brasil, uma "guinada populista" pode colocar tudo a perder. Por isso defende um ajuste ainda mais radical, que para ele daria espaço para a redução da taxa de juros e possibilitaria a atração de investimentos.

Em debate recente, organizado pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), o ex-ministro Almir Pazzianotto, que já foi presidente do TST, afirmou que a mudança de cultura no Brasil, depende de algo mais profundo, que é remeter o contrato de trabalho para o Código Civil, "com a revisão do papel da Justiça do Trabalho". Empresários presentes no evento, todos ligados ao agronegócio, afirmaram que a Justiça do Trabalho não deveria nem existir, e que a prevalência do negociado sobre o legislado deveria ser absoluta.

Segundo Pazzianoto, a reforma trabalhista aprovada pelo Congresso foi um "pé na porta", ou seja, um início, para realizar reformas muito mais aprofundadas. O ex-ministro defende mudanças nos artigos 7º e 8º da Constituição, segundo ele, dois entraves para uma reforma efetiva. Para ele o artigo 7º seria uma CLT condensada e o oitavo, manteria a atual estrutura sindical. Os participantes do evento classificaram a reforma aprovada recentemente pelo Congresso como extremamente tímida em relação às demandas dos empresários.

A expressão de Pazzianotto ("meter o pé na porta"), é bastante adequada ao momento político vivido no país. O "ajuste" do golpe pretende alcançar alguns objetivos centrais:

- Consolidar na legislação (de preferência na Constituição), o programa neoliberal mais radical da história econômica do brasil; ilustrado pela aprovação da PEC da Morte (EC 95);
- Impedir a revisão por um novo governo das reformas conservadoras, em especial a Emenda Constitucional 95 (PEC da Morte);
- Enfraquecer a capacidade de ação, externa e interna, do Estado brasileiro: (aspecto geopolítico);
- Retirar na prática o Brasil dos BRICS;
- Impedir a retomada da industrialização, setor que no Brasil sofreu um forte revés nas últimas décadas (o país vem se desindustrializando);
- Internacionalizar ainda mais a economia brasileira;
- Disponibilizar as matérias primas em geral para as multinacionais, por baixo preço, custe o que custar em termos sociais para o Brasil;
- Reduzir o custo da força de trabalho para atrair "capitais externos" (decisão que afeta "apenas" 99% do povo brasileiro, que vivem do seu trabalho).

São medidas que liquidam a soberania nacional e destroem direitos conquistados em mais de um século. A coalização golpista que está no governo é a mais entreguista e subserviente ao capital financeiro da história. Pretende mudar toda a natureza do Estado brasileiro até o ponto de se estabelecerem novas relações sociais de produção, que atendam aos interesses do capital internacional em um nível nunca antes visto na História do país. Os golpistas têm como meta transformar o Brasil numa espécie de proterado dos EUA, por isso estão desmontando também o sistema de defesa nacional. Se conseguirem realizar o golpe em sua plenitude, irão destruir o Estado brasileiro. A PEC da Morte, a Terceirização sem limites, a destruição da Previdência e a Reforma trabalhista, não esgotam as intenções golpistas. O plano de ataque é muito mais violento, tanto aos direitos, quanto à economia nacional. Por exemplo, o ensino público corre o risco de ser privatizado, em todos os níveis, se tiverem correlação de forças para impor uma medida destas. Trata-se de um verdadeiro "pé na porta" do Brasil e nos direitos do seu povo.

JOSÉ ALVARO CARDOSO É ECONOMISTA E SUPERVISOR TÉCNICO DO DIEESE

Intercel
INTERSINDICAL DOS ELETRICITÁRIOS DE SANTA CATARINA

Linha Viva é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
Jornalista responsável: Paulo G. Horn (SRTE/SC 3489)
Conselho Editorial: Amilca Colombo
Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89216-000 |
E-mail: sindsc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

Charlottesville é AQUI

PORQUE O BRASILEIRO ACHA QUE É DIFERENTE DO AMERICANO?

por Joice Berth

O Brasil é um país de exaltação escancarada da brancura. Ama-se e exalta-se a Europa como berço imaculado da civilidade, porque é branca, caucasiana no estado mais puro, com pessoas de cor e traços reproduzidos o tempo todo nos meios de comunicação e que pautam o padrão de aceitabilidade social vigente.

Odiamos o Brasil. Porque o Brasil é negro. O segundo maior contingente de pessoas negras fora do continente africano. A pequena África dos povos primitivos e de modos rudes e grotescos que tanto criticamos por aqui. Coibimos todo e qualquer resquício de africanidade expressa, exceto aqueles que são convenientes ou pitorescos, aqueles que corroboram com o exotismo tão alardeado como característica inerente ao povo negro. Não gostamos de ver pessoas negras, exceto quando estão em estado crônico de sofrimento social. Entramos nos lugares onde a brancura é a regra e nos sentimos muito bem, jamais notando a ausência de pessoas negras nesses espaços, exceto quando é pra criticar as falhas na política.

Usamos pessoas negras como ratinho de laboratório, "pesquisando" favelas como se fossem fenômenos naturais ou causados pelas próprias pessoas que estão socialmente confinadas ali, "pesquisando" genocídio da população negra e violência policial entre políticos e pensadores brancos, se isentando solenemente da culpa por 4 séculos de escravização de pessoas negras, herdada dos antepassados brancos e que ainda se colocam contra ações afirmativas de equiparação da exploração empregada como estruturante econômica deste país. Não ouvimos pessoas negras. Não lemos pessoas negras. Não admitimos sequer que um ser humano da pele preta possa pensar e produzir conhecimento, tanto acadêmico quanto empírico, que valha para norteador intelectual e aporte reflexivo frente as situações diversas, tanto políticas quanto sociais. Não queremos conhecer a cultura que deriva da presença dos povos africanos no nosso país e quando o fazemos, somos cínicos em usurpar, distorcer e excluir o componente cultural africano que é formador dessa cultura.

Estimulamos descaradamente, ainda em 2017 a continuidade dos regimes de miscigenação criminosa e histórica, ora embranquecendo a presença negra que ajudou a construir a história do país, ora apagando todos os resquícios da produção negra tanto na África quanto no Brasil, ora incentivando a objetificação dos corpos negros e o confinamento afetivo de mulheres negras no papel de subserviência sexual, pelo fetiche ou ocultamento das qualidades humanas em detrimento dessa prática que também é histórica. Poderia escrever um livro sobre como funciona o racismo por aqui.

Mais um, entre tantos que já existem em vão, pois em nenhuma roda de discussão composta por pessoas brancas, a autocrítica racial está presente, nenhuma dessas referências literárias são sequer consideradas importantes. Estudamos Friedrich Nietzsche, mas esquecemos que Abdias Nascimento existiu. Estudamos os Freires, Gilberto e Paulo, mas, quem é Sueli Carneiro ou Beatriz Nascimento mesmo? Assistimos passivos, a maior emissora do país, propagar o falacioso e equivocado racismo reverso em um programa que se propõe a realização de discussões sérias, através do uso da inconsciência racial plantada pela branquitude como tática de alienação e aceitação do lugar de inferioridade construímos para sujeitos negros.

Tudo isso é feito sem a menor autocrítica necessária, que parte do entendimento fundamental de como nossa sociedade está estruturada e estruturando as relações sociais que se mantém hierarquizadas, em nome de uma supremacia que é branca e que repousa tranquilo no berço esplêndido dos privilégios construídos às custas do vilipêndio social, político e econômico de uma minoria (negra e indígena) que vem sendo sistematicamente tolhido do acesso a direitos fundamentais e do usufruto dos confortos que sua mão de obra produz.

Se estamos em um looping de opressões sistêmicas, produzindo e usufruindo dos privilégios que ela cria em todas as áreas sociais, estamos exercendo à la "jeitinho brasileiro", todos os atos que estamos execrando, horrorizados em assistir via redes e meios de comunicação, que acontecem no EUA. Somos quintal do imperialismo norte-americamos e almejamos claramente sermos como eles, colocados supostamente mais próximos da civilização e superioridade europeia. Diariamente, jovens negros são hostilizados e assassinados pela polícia que apoiamos e não nos surpreendemos com isso. Quilombolas e indígenas vêm sendo eliminados em massa e em nome do monopólio de terras e riquezas que os pertence, por direito real e não reconhecido até hoje, mas não estamos nos surpreendendo com isso. Assistimos passivos, diversas violências nazifascistas, tanto verbais, quanto simbólicas e físicas, direcionadas as pessoas negras e não passamos do "repúdio" acrítico e cinicamente isento de qualquer revisão concreta do comportamento micro e macro social da branquitude. E o que dizer do descaso com todos os Rafaeis Bragas, encarcerados nos presídios físicos ou simbólicos, como o preterimento profissional ou os movimentos anônimos dentro das universidades contra os cotistas.

Ou seja, salvo a covardia e que está no íntimo do brasileiro comum e que nos impede de tomar a iniciativa de olharmos criticamente para nós mesmos, enquanto nação que propaga e alimenta ideais fascistas historicamente, eu como pessoa negra, não vejo a menor diferença entre os conflitos em Charlotssville e a chacina do Cabula na Bahia. Ou ainda entre os supremacistas brancos que mostram a cara e agridem pessoas negras na rua e supremacistas brancos que agridem via web pessoas negras famosas ou anônimas, inclusive chamando de linchadores virtuais quem retruca com embasamento contra o racismo passivo de pessoas brancas de notoriedade e prestígio social. Temos ainda os supremacistas brancos que prestam apoio incondicional ao desmonte de políticas públicas, timidamente implantados pela pseudo-esquerda (que também é supremacista só que com o verniz das lutas sociais progressistas), como o bolsa família ou ações afirmativas diversas ou dos partidos que fazem no seu interior, um movimento de exclusão e apagamento de figuras políticas negras que poderiam trazer vivências e saberes que serviriam de alavanque para iniciativas realmente equiparadoras e reestruturantes. Tenho receio aqui, todos os dias, porque esse país mata pessoas negras de diversas formas e em diversos lugares, como quem toma um suco detox no trajeto até o trabalho. Pessoas brancas, por aqui, não são diferentes dos supremacistas de Charlotsville.

São apenas sonsas. O racismo brasileiro é sonso e indulgente. Covarde e dissimulado

E isso o torna ainda mais perigoso.

Joice Berth é Arquiteta e Urbanista pela Universidade Nove de Julho e Pós graduada em Direito Urbanístico pela PUC-MG. Feminista Interseccional Negra e integrante do Coletivo Imprensa Feminista. Publicado originalmente no site justificando.cartacapita.com.br